

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Heloisa Freire Sanglard Brasil

**COLETIVOS DE MULHERES NO SISTEMA DE ARTE:
Ações decoloniais contra uma perspectiva hegemônica**

São Paulo
2022

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

**COLETIVOS DE MULHERES NO SISTEMA DE ARTE:
Ações decoloniais contra uma perspectiva hegemônica**

**Heloisa Freire Sanglard Brasil
Orientadora: Profa. Dra. Aleksandra de Oliveira**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, no curso de Gestão de Projetos Culturais do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura.

São Paulo
2022

COLETIVOS DE MULHERES NO SISTEMA DE ARTE:¹

Ações decoloniais contra uma perspectiva hegemônica

Heloisa Freire Sanglard Brasil²

RESUMO

Esta pesquisa aborda as relações existentes entre a produção artística contemporânea de mulheres e sua representatividade no sistema de arte. Neste estudo, questionam-se, sobretudo, as narrativas hegemônicas e a configuração patriarcal ainda presente no mundo da arte. Para estabelecer esses questionamentos, o presente artigo trata das ações de coletivos de mulheres, tomando como exemplo, a experiência do coletivo Vozes Agudas. Por meio de leituras e entrevista, as ações deste coletivo de mulheres artistas nos informa como são suas relações e conflitos dentro do sistema de produção, circulação e consumo da arte; como coletivos semelhantes se organizam internamente para esses enfrentamentos e como em sua prática respalda-se em estudos de abordagem decolonial e contra hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: Coletivo feminista. Feminismo decolonial. Contra hegemonia. Sistemas de arte.

ABSTRACT

This research approaches the existing relationships between the contemporary artistic production of women and their representation in the art system. In this research, the hegemonic narratives and the patriarchal configuration still present in the art world are questioned. To establish these questions, this article deals with the actions of women's collectives, taking as an example the experience of the collective Vozes Agudas. Through readings and interviews, the actions of this collective of women artists inform us about their relationships and conflicts within the system of production, circulation and consumption of art; how similar collectives organize themselves internally for these confrontations and how their practice is supported by studies of a decolonial and counter-hegemonic approach.

KEYWORDS: Feminist collective. Decolonial feminism. Counter hegemonic. Art systems.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais pelo CELACC ECA-USP. Graduada em Artes Visuais pela FPA.

RESUMEN

Esta investigación aborda las relaciones existentes entre la producción artística contemporánea de las mujeres y su representación en el sistema del arte. Estudié y cuestioné, sobre todo, las narrativas hegemónicas y la configuración patriarcal que aún están presentes en el mundo del arte. Para establecer estos interrogantes, este artículo aborda el accionar de los grupos de mujeres, tomando como ejemplo la experiencia del colectivo Vozes Agudas. A través de lecturas y entrevistas, las acciones de este grupo de mujeres artistas nos informan sobre sus relaciones y conflictos dentro del sistema de producción, circulación y consumo del arte; cómo grupos similares se organizan internamente para estos enfrentamientos y cómo, en su práctica, apoyan estudios de enfoques decoloniales y contrahegemónicos.

PALABRAS CLAVE: Colectivo feminista. Feminismo decolonial. Contrahegemonía. Sistemas de arte.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. O discurso contra hegemônico e as mulheres	9
3. Coletivos de mulheres	12
4. Vozes Agudas	17
5. Considerações finais	22
6. Referências bibliográficas	23
7. Anexo – Entrevista com participantes do coletivo Vozes Agudas	

Introdução

As discussões acerca da representatividade das mulheres no sistema de artes apresentam, sob a perspectiva decolonial, questionamentos sobre a configuração eurocêntrica e patriarcal como narrativa totalizante no cenário de produção cultural, sendo excludente em relação à participação das mulheres. Levantar um debate contra hegemônico torna-se mais do que necessário, e sim urgente, uma vez que as mulheres apresentam contribuições substanciais para o sistema de arte contemporâneo, porém mantém-se como grupo subalternizado.³

Com enfoque no circuito de artes de São Paulo e nível de abrangência centrado na perspectiva latino-americana, o presente artigo apresentará um respaldo de teorias do feminismo decolonial para deste modo delimitar um debate sobre representatividade cultural das mulheres e suas contribuições por meio de intervenções no cenário da arte contemporânea da América Latina; possibilitando a ocupação de espaços, fortalecendo a identidade cultural e disseminando uma produção que viabiliza e legitima as mulheres nos espaços artístico-culturais.

Para tal, o feminismo decolonial se mostrou como uma alternativa interessante entre as possíveis teorias existentes. Ao ler sobre autoras que falam sobre como hoje é impossível não levarmos em consideração outras pautas para tratarmos do feminismo e de espaços, como é o caso da invisibilização que ocorre dentro dos próprios movimentos feministas tradicionais, o feminismo decolonial defende o legado crítico de mulheres afrodescendentes, indígenas, latinas e caribenhas, propondo diferentes lugares de enunciação das mulheres, levando em consideração critérios como raça, classe e sexualidade, em um âmbito de reconhecimento e diversidade identitária mais abrangente.

A articulação dos estudos decoloniais promove a reinterpretação dessa estrutura patriarcal vigente. O feminismo decolonial se mostra como uma abordagem mais ampla ao considerar raça, classe e sexualidade, defendendo e colaborando para um feminismo não hegemônico, uma vez que as teorias do feminismo clássico são insuficientes para tratar por exemplo da realidade das mulheres oriundas de territórios colonizados. O feminismo decolonial propõe uma revisão das teorias e propostas do feminismo tradicional, sendo

³ De acordo com levantamento de 2020 do coletivo *Trabajadoras del Arte*, as mulheres correspondem a cerca de 67% do total de pesquisadores em arte no Brasil, e segundo o levantamento do *Open Box da Ciência* do mesmo ano, as mulheres constam como maioria (53,7%) de especialistas na área de Linguística, Letras e Artes, na plataforma Lattes. Contudo, no cenário paulistano de instituições culturais e galerias de arte, as mulheres correspondem a 30% ou menos nos acervos. Vale ressaltar também que na maioria das instituições a presença de mulheres pardas ou trans é inexistente.

portanto mais abrangente e considerando aspectos que vão além do viés ocidental, branco e burguês.

A estruturação do patriarcado fez com que as mulheres ocupassem um lugar secundário na sociedade, silenciando, invisibilizando as mulheres em diversos segmentos e dificultando a ocupação de espaços. No cenário das artes não foi diferente: observamos um panorama ainda bem excludente e pouco diverso.

Uma das teóricas de referências para a pesquisa, Yuderkys Miñoso, menciona que o feminismo é um movimento liderado por mulheres, reconhecido como uma revolução político-cultural que é produto da modernidade e do progresso da humanidade. E sobre o feminismo em sua perspectiva decolonial:

O feminismo em sua cumplicidade com a aposta decolonial toma para si a tarefa de reinterpretação da história em chave crítica da modernidade, já não apenas por seu androcentrismo e misoginia, como tem feito a epistemologia feminista clássica, mas também dado o seu caráter intrinsecamente racista e eurocêntrico. (MIÑOSO, 2020, p. 5)

Minõso traz um levantamento sobre a reinterpretação histórica necessária, e a aposta decolonial de maneira adversa ao ocidentalismo, como forma específica de produção de conhecimento e subjetividades na modernidade. A colonialidade acarretou consequências para a constituição das sociedades latino-americanas, impondo uma dependência histórico-estrutural, no qual há diferenças sociorraciais e menos espaços para as minorias subalternas. Para a autora, o feminismo é reconhecido como um movimento político-cultural que é produto da modernidade, iniciado e liderado pelas mulheres.

O decolonialismo está relacionado com a expansão de teorias, levando por exemplo ao aprofundamento dos estudos de gênero. O eurocentrismo sempre se posicionou como modelo normativo, cujos conhecimentos seriam os únicos válidos. As teorias decoloniais se opõem a essa estratificação.

Por eu ser mulher e estar inserida no contexto latino americano, levar em consideração que o feminismo tradicional não se mostra suficiente para abranger todas as questões das mulheres daqui se mostra condizente com os caminhos da pesquisa nos quais eu acredito. Pensar meios nos quais as mulheres daqui possam se posicionar nesse sistema, levando em consideração outras problemáticas que o mesmo sistema impõe e a forma que as mulheres latino-americanas vão sentir essas problemáticas, em forma de uma somatória distinta das mulheres de territórios hegemônicos, fez as teorias decoloniais fazerem mais sentido como base para o trabalho se apoiar.

A escolha de analisar coletivos de arte vem de visualizar os coletivos como caminhos interessantes nessa reformulação; atuando como uma importante ferramenta que as mulheres podem ter como ação para chegar a subverter esses caminhos. Os coletivos de mulheres são espaços potentes dentro do sistema de artes e logo, ferramentas importantes no que diz respeito a representatividade de mulheres no circuito das artes. A escolha de analisar a ação de coletivos de mulheres, com recorte no circuito de artes paulistano, trará para a pesquisa uma colaboração mais substancial.

O coletivo escolhido como análise/objeto de estudo para o trabalho será o Vozes Agudas, do Ateliê 397, por uma questão de proximidade com o coletivo,⁴ além de ser um importante coletivo atuante no circuito de arte paulistano. As ações das pesquisadoras e artistas que fazem parte do grupo abordam rodas de conversa com a comunidade, montagem de exposições e premiações para artistas mulheres, podcasts e ações que envolvam arte e feminismo, fomentando debates e intervenções com ênfase feminista e debates através de textos teóricos para delimitar as ações.

O questionamento central é: como o coletivo Vozes Agudas tem uma ação que possa subverter o sistema de arte em relação a representatividade das mulheres? Para desmembrar tal indagação, é necessário estabelecer um paralelo entre as ações de mulheres no decorrer dos anos em relação ao sistema de arte; as formas nas quais podemos subverter essa lógica ideológica de um sistema de arte patriarcal, excludente e que sustenta ano após ano as mesmas relações. O apelo da pesquisa é pautado no conceito de que, um dos meios de alterar esse panorama patriarcal é através de ações subversivas das mulheres, o que culminaria em uma representatividade cada vez maior das mulheres nesse meio.

A pesquisa sustentou-se por meio de procedimento metodológico qualitativo, que consistiu em uma entrevista semiestruturada com as mulheres representantes do coletivo que já estabelecem pesquisa e ações acerca do fenômeno analisado, a fim de estabelecer de fato um diálogo sobre essas ações. Buscar compreender a relevância e os caminhos que podem ser tomados para as mulheres terem maiores participações no cenário das artes, a fim de estruturar nesta pesquisa dados como mapas e gráficos que denunciem a situação desse grupo subalterno em relação a esse sistema, para analisar e traçar deste modo caminhos para sustentação da proposta.

⁴ Anteriormente realizei exposições no espaço, além de ser um coletivo próximo da minha realidade de mulher artista e brasileira, atuante no cenário paulistano.

O artigo levanta argumentos do porquê é urgente uma reformulação no sistema das artes, tendo em vista uma base de informações que denunciam as relações neste contexto, para propor vias que se posicionem contra esse modelo hegemônico vigente. Como ponte para modificar o panorama desse sistema que subalterniza as mulheres e que segue sendo sustentado, o artigo objetiva abranger a situação das mulheres no circuito das artes e expor possibilidades de reestruturação desse sistema. A análise estruturará eixos contra hegemônicos, através de um respaldo das teorias decoloniais, para traçar os direcionamentos propostos e, deste modo, fortalecer a luta de representatividade das mulheres nas artes.

O discurso contra hegemônico e as mulheres

A posição das mulheres no sistema de arte segue a lógica hegemônica que se mantém no heteropatriarcado. Ao levantarmos um debate acerca dos feminismos, é possível visualizar que as contribuições do feminismo tradicional, civilizatório e europeu foram suficientes até certo ponto, mas não deram conta de todas as realidades, como é o caso das mulheres do Sul global. O feminismo tradicional levantou importantes debates, por exemplo as reivindicações da década de 1960, contudo, muitos destes levantamentos, por serem pautados por mulheres brancas e em posições hegemônicas, se tornaram debates de emparelhamento com a condição dos homens brancos e burgueses.

O feminismo em sua proposta decolonial retoma o pensamento de diversidade identitária, considerando pautas como sexualidade, classe e raça. Essas pautas somam-se à condição das mulheres e tornam o feminismo decolonial algo mais próximo da realidade latino-americana. Para Fischer, ao analisarmos o sujeito político privilegiado das mulheres brancas no feminismo hegemônico, suas teorias não servem para identificar e atuar sobre as realidades das mulheres racializadas e oriundas de territórios colonizados. Para a autora, sobre as teorias do feminismo decolonial:

Amparado nas propostas do feminismo negro (black feminism), iniciados nos Estados Unidos na segunda metade do século XX e disseminado por países de dominação racial, defende o legado crítico das mulheres e feministas afrodescendentes, indígenas e latinas que vai de encontro aos mecanismos de invisibilização dentro dos próprios movimentos feministas. (FISCHER, 2017, p.1)

Há uma invisibilização das mulheres no tecido social, devido a estruturação do patriarcado que minimiza seu protagonismo. Essa invisibilização se torna maior quando falamos sobre mulheres afro-latino-caribenhas. Para Miñoso, o feminismo é reconhecido

como uma revolução político-cultural que é produto da modernidade e do progresso da humanidade (MINÓSO, 2019) enquanto o feminismo em sua cumplicidade com a aposta decolonial estaria, para além dessa definição, propondo uma reinterpretação da história, levando em consideração o caráter racista e eurocêntrico que muitas vezes ainda permeia o feminismo tradicional.

O eurocentrismo sempre se posicionou como modelo normativo, cujos conhecimentos seriam os únicos válidos. Porém, esse mundo europeu nunca foi hegemônico de fato - ele se apropriou de saberes, estéticas, técnicas e filosofias de civilizações que foram negadas e subjugadas (VERGÈS, 2019). A proposta decolonial proclama uma revisão da teoria e da proposta do feminismo, diante do que considera seu viés ocidental, branco e burguês.

O feminismo decolonial percorre, revisa e dialoga com o pensamento e as produções que vêm sendo desenvolvidas por pensadoras, intelectuais, ativistas e lutadoras, feministas ou não, de ascendência africana, indígena, mestiça popular, campesina, imigrantes racializadas, bem como as acadêmicas brancas comprometidas com subalternidade na América Latina e no mundo. (MINÓSO, 2019. p.8)

O feminismo e a questão das mulheres surgem por consequência de um esgotamento do modelo de capitalismo, que causou efeitos nos mais diversos setores sociais. Historicamente, marginalizou grupos de pessoas, como por exemplo o das mulheres, gerando uma crise política, cultural e social. Como resolução destes problemas de ordem social, política e econômica, apresenta-se o reconhecimento de novos movimentos sociais, que questionam essa lógica estrutural, propondo uma visão alternativa. Dentre eles, o movimento das mulheres. O feminismo de política decolonial torna-se então uma forma político-cultural de resistência, sendo uma teoria radical contra o capitalismo, o racismo e o sexismo, contribuindo na luta pelo direito à existência. Segundo Walter Mignolo, o pensamento decolonial se esforça para desvincular-se das dicotomias impostas articuladas no Ocidente, isto é, o conhecedor e o conhecido, o sujeito e o objeto, teoria e práxis. (MIGNOLO, 2019, p. 8). E de acordo com a teórica feminista Lélia Gonzáles:

É inegável que o feminismo como teoria e prática vem desempenhando um papel fundamental nas nossas lutas e conquistas e que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, como também desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher. Ao centralizar suas análises em torno do conceito de capitalismo patriarcal, evidenciou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres, o que constitui uma contribuição de crucial importância para o encaminhamento das nossas lutas como movimento (GONZÁLES, 1988. P.40).

De acordo com María Lugones, teórica que iniciou os postulados sobre feminismo decolonial, existem dicotomias centrais da modernidade colonial que descrevem as relações entre o grupo hegemônico e as minorias subalternas, no qual há grupos de pessoas dentro dessa lógica que são considerados não seres humanos, mas sim como animais selvagens e incontroláveis.

Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. (LUGONES, 2014. P. 936.)

Essas estruturas deram início às inquietações das teorias decoloniais, dentre elas a necessidade de um feminismo emparelhado com a questão decolonial. Entretanto, primeiramente surgiram teorias de feminismo pós-colonial, que apresenta diferenças da proposta decolonial. De acordo com a teórica Ochy Curiel, o feminismo pós-colonial propõe outra narrativa, em detrimento à do feminismo hegemônico, geralmente branco e ocidental, propondo um viés que leva em consideração raça, classe e geopolítica. Porém, no pós-colonialismo, não há uma recontextualização que inclua de fato mulheres racializadas e oriundas de territórios subalternizados, o que leva essas mulheres a ocuparem menos espaços e serem reduzidas a objetos de estudo de feministas com privilégios de raça, classe, sexualidade e, principalmente que estão inseridas em espaços institucionais e acadêmicos.

Para Curiel (2019), não é possível ancorar conceitos e epistemes que surgem nas práticas políticas produzidas por mulheres sem os privilégios anteriormente mencionados. Na proposta pós-colonial, muitas vezes as análises feministas permanecem em um giro linguístico pós-estruturalista, que, ainda que abra portas para outras interpretações, reproduz a colonialidade discursiva do saber.

O feminismo autônomo latino-americano só englobaria as demais realidades com a iniciativa decolonial, proposta por Lugones, que recupera questões importantes do projeto decolonial, como, por exemplo, o fato de que a hierarquização étnico-racial das populações e a periferia não sofreram transformações significativas, acontecendo o oposto a uma transição do colonialismo moderno à colonialidade global. E uma das principais fontes para o feminismo decolonial seriam os pensamentos que surgem das práticas políticas coletivas, com feminismos críticos e contra hegemônicos.

No que tange à realidade latino-americana, mais especificamente a brasileira, as mulheres dentro do sistema de arte, embora correspondam a mais da metade do total de pesquisadoras (os) em arte do Brasil (67%, segundo levantamento do coletivo Trabajadores de Arte) no cenário paulistano de instituições culturais, as mulheres seguem sendo minoria, correspondendo a 30% ou menos, sendo a presença de mulheres pretas, pardas e trans muitas vezes inexistente, prejudicando a representatividade de mulheres de modo geral no sistema de artes. ⁵Segundo a curadora do MASP Amanda Carneiro, além dos números, não basta as mulheres estarem presentes nos museus e galerias, equiparar isso seria só uma parte da luta. Mas, a real representação vai além dessa representatividade numérica; é preciso que a produção dessas artistas seja compreendida também conceitualmente. Por isso, o movimento feminista decolonial sugere também uma reestruturação prática dos sistemas institucionais, propondo esta nova lógica decolonial.

Assim, o feminismo decolonial torna-se um alumbramento, que colabora para a reestruturação do sistema de arte e com a real representatividade das mulheres dentro destas estruturas. A proposta decolonial apresenta-se como teorias relativamente recentes, estando distante de ser realidade na maioria dos cenários. Segundo Miñoso, trata-se de um movimento em pleno crescimento e maturação, que se proclama revisionista da teoria e da proposta política do feminismo-ocidental branco e burguês. Contudo, o caminho a ser trilhado, segundo essas teorias, ainda é longo e de muitas contribuições para modificar um panorama que fora estruturado de forma secular.

Coletivos de mulheres

Ao abordarmos a questão das ações do feminismo decolonial em consonância com a reestruturação das mulheres no sistema de arte, entramos em um cenário de debate acerca das produções artísticas de coletivos de arte. Segundo Ochy Curiel, os pensamentos que surgem das práticas políticas coletivas são fontes de interpretação-chave para o feminismo decolonial, nas quais muitas mulheres têm espaço para participações efetivas e relacionam-se com feminismos críticos e contra-hegemônicos (CURIEL, 2019, p.128).

Os coletivos feministas são importantes ferramentas no que diz respeito à luta pelos espaços que devem ser ocupados, cada vez mais, pelas mulheres; fomentando assim, sua representatividade. Segundo a teórica Jaciara Oliveira, sobre coletivos de mulheres:

⁵ Dados retirados do levantamento do <http://www.trabajadoresdearte.org/sitio/>. Acesso em 22 mar. 2022.

Considerando que o feminismo é um movimento organizado cujo propósito é a luta das mulheres pela equivalência de seus direitos, políticos, sociais e econômicos aos direitos dos homens, podemos interpretar com base nas definições coletadas, que o termo Coletivo Feminista refere-se a um grupo organizado de maneira plural e não hierárquica, com o objetivo de promover às mulheres uma rede de acolhimento, de diálogos e debates pautados na luta pela igualdade de direitos na sociedade, bem como dar voz e espaço para suas criações de cunho libertário no campo artístico e cultural em prol do desenvolvimento, visibilidade e transformação social. (OLIVEIRA, p. 4-5)

Esses grupos de mulheres, constituídos dentro da pluralidade, agem como redes de acolhimento, além de fomentar espaços para debates e ações em prol da reestruturação no sistema de arte. Os coletivos feministas assumem caráter de movimentos de expressão e revolta popular, sendo uma voz para mulheres das mais distintas camadas sociais e um canal que representa todas nós, tecendo redes de apoio e fomentando o debate e o acolhimento. Para Curiel, a proposta feminista decolonial deve ir além das análises teóricas do conhecimento. A proposta feminista de\colonial envolve processos de pesquisa coletiva, organizados em estruturas de diálogos, fortaleçam as vias para a transformação social.

A questão das mulheres artistas percorre uma trajetória de dificuldades e invisibilização que está sustentada de modo secular no sistema de arte. A arte produzida por mulheres muitas vezes é considerada como uma “arte feminina”, na tentativa de segregar as produções artísticas das mulheres em nichos inferiores e limitantes. As ações por parte de coletivos feministas de mulheres fomentam uma arte enviesada com as teorias feministas, auxiliam na ocupação de espaços e na legitimação das futuras produções culturais de mulheres dentro deste cenário. Para Linda Nochlin, sobre o campo das artes para mulheres e pessoas racializadas:

[...]. Na verdade, o milagre é dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes. (NOCHLIN, p. 9)

A hegemonia propaga um cenário discrepante no que diz respeito às possibilidades e ocupação de espaços por parte das minorias subalternizadas. As mulheres, em especial as mulheres racializadas, enfrentam dificuldades. Nochlin postulou que a experiência e situação que as mulheres ocupam na sociedade, assim como as mulheres artistas, é distinta da dos homens. E as produções artísticas realizadas por agrupamentos de mulheres, unidos e produzindo de forma intencionalmente articulada, determinadas a impulsionar essa consciência sobre as experiências das mulheres, seria a arte feminista em sua essência.

(NOCHLIN, 1971). Os coletivos de mulheres agem, então, no campo artístico e cultural atuando em prol dessa visibilidade e representação das mulheres, dando voz e fortalecendo espaços de acolhimento e debate das pautas decoloniais.

As minorias, como é o caso da questão das mulheres, lutam pela redução do poder hegemônico. Segundo Mignolo (2014), atualmente a cultura hegemônica regula todas as instituições que regem nossa vida. Os estados nacionais e as relações interestatais são patriarcais. Em outras palavras, o patriarcado na sociedade em que estamos inseridos transpassa a dimensão gênero-sexualidade e invade todas as áreas da experiência humana. Quando os indivíduos são segregados socialmente e não encontram as mesmas possibilidades de atuação em suas áreas, surgem os coletivos.

Os movimentos sociais representam estruturas jurídicas constituídas pela própria sociedade e suas ações. Quando um grupo de sujeitos é afastado de direitos essenciais, que integram aquilo que possui de mais importante, sua dignidade e sua liberdade em se constituir com plenitude na sociedade como sujeitos de direitos, ocorrem agrupamentos. Os mesmos se dão a partir de afinidades, que formam coletivos de ideias e reivindicações, que, em sua resistência, buscam a formação de novos direitos. (COSTA SILVA, ATAÍDES. 2019, p.183)

A subversão propagada por esses agrupamentos sociais torna-se exercício de liberdade. Os coletivos feministas, com ações visíveis e estruturadas, realizam estratégias de enfrentamento contra hegemônico. Mignolo (2008) menciona que para cada comunidade ser capaz de reexistir, devem preservar o empoderamento, não mudar de acordo com a armadilha retórica da modernidade ocidental. O pensamento decolonial coloca-se então como um esforço de digressão dos grupos subalternizados às dicotomias impostas e articuladas no Ocidente.

Há a questão de produções marginalizadas no cenário cultural, no que tange a questão das mulheres. Além das produções artístico-culturais terem menor valorização, a disparidade de números em relação às exposições e outras ações no cenário da arte, quando se trata de artistas mulheres, é descomunal. As mulheres ocupam lugares ínfimos quando se trata de exposições de arte, mesmo em grandes instituições culturais, como os principais museus e galerias de arte de São Paulo. Para Amanda Carneiro (2020), o feminismo decolonial luta por uma maior representatividade das mulheres neste sistema, que vai além da representatividade estatística, do que temos em números, mas deve incluir também a questão da compreensão da produção destas artistas, conceitualmente. Devido a isso, o feminismo em sua proposta decolonial sugere a reestruturação prática dos sistemas institucionais, dando espaço para saberes conectados com a nova lógica decolonial.

O coletivo Trabajadores de Arte fez no ano de 2020 um levantamento utilizando infográficos, que denunciam e mapeiam a situação das mulheres e mulheres racializadas no cenário cultural (Fig. 1). O levantamento demonstra que, embora as mulheres tenham produções mais substanciais que os homens no setor cultural (como o fato de serem maioria no meio acadêmico, no que diz respeito à pesquisa em arte no Brasil - 67%) continuam correspondendo a 30% ou menos nos acervos das principais instituições culturais do país. O primeiro infográfico traz dados numéricos de mulheres latino-americanas atuantes no setor cultural e o segundo traz um levantamento de mulheres racializadas brasileiras atuantes no sistema de arte.



Figura 1. Distribuição das trabalhadoras da arte na América Latina. Fonte: Trabajadores de Arte. Disponível em: http://www.trabajadoresdearte.org/sitio/wp-content/uploads/2021/06/MAPA_DE_TRABAJADORAS_ARTE-ver_sion_2-1_junio2021.pdf



Figura 2. Artistas, curadoras e arte educadoras racializada no Brasil. Fonte: Trabajadores de Arte. Disponível em: http://www.trabajadoresdearte.org/sitio/wp-content/uploads/2021/05/mapa_mujeres_racializadas_brasil_v1_mai-o-2021.pdf

Os debates decoloniais ganharam força nas últimas décadas dentro do sistema de arte, no momento em que os agentes atuantes no cenário cultural começaram a questionar e exigir a reestruturação do legado criado pela estrutura colonial. Questionar a posição das mulheres no que diz respeito à produção artística, em detrimento da força de suas produções e da forma que são veiculadas, é parte do apelo dos coletivos feministas, viesados pelo decolonialismo.

O recorte metodológico da pesquisa é pautado no cenário de artes de São Paulo, para trazer a realidade do debate que se inicia no decolonialismo, em sua perspectiva mais ampla da América Latina e estreitar para o Brasil, mais especificamente para os coletivos atuantes no circuito paulistano. Para Carneiro, sobre estes debates:

(...) questionam a reprodução de sistemas de exclusão não só na sociedade, mas também dentro da própria estrutura do mercado de arte. A ideia principal é desconstruir narrativas e pensamentos dominantes para re-contextualizar uma série de problemas que foram silenciados e reprimidos por séculos. E rever a política sociocultural hegemônica que afeta, sobretudo, artistas mulheres e pessoas racializadas. (CARNEIRO, 2020)

O panorama eurocêntrico hegemônico orienta o sistema de arte de forma secular. Lidamos com suas consequências mesmo atualmente, no período contemporâneo. E para reformular esse sistema de exclusão social, que age principalmente sobre as mulheres e pessoas racializadas, os coletivos atuam como ferramentas importantes para auxiliar essas minorias. No cenário artístico da América Latina, há alguns coletivos feministas que atuam com ações que modificam esse panorama. E dentro do escopo metodológico do artigo, o coletivo escolhido por estar emparelhado com a questão do circuito de arte paulistano, mais próximo de minha realidade, foi o Vozes Agudas.

Vozes Agudas

O coletivo de mulheres Vozes Agudas está inserido no circuito de artes paulistano, atuando como uma importante ferramenta para trazer voz para as mulheres no campo artístico. O coletivo denomina-se como um grupo de estudos atuante no âmbito do feminismo e da arte, com intervenções de ênfase feminista. É formado por diferentes agentes culturais, exclusivamente mulheres, como gestoras, artistas, curadoras e pesquisadoras de arte, que tem como principais ações fomentar exposições, produzir gravações e podcasts e promover ciclos de conversas, além do trabalho através das mídias sociais. Toda a pesquisa do coletivo é subsidiada por textos teóricos, que delimitam as ações. Este capítulo parte do princípio que criar possibilidades de dar voz às mulheres silenciadas pelo patriarcado colonial permite a valorização da construção de conhecimentos contra hegemônicos.

O grupo encontra-se no Ateliê397, espaço cultural localizado na Barra Funda, centro de São Paulo. Uma entrevista semiestruturada foi realizada como procedimento metodológico qualitativo para abordar com as pesquisadoras do coletivo uma conversa sobre as principais ações e como um coletivo de mulheres pode ser uma ferramenta que subverte o sistema de

arte, em relação à representatividade das mulheres. Ao questionar sobre a formação do grupo e permanência das pesquisadoras, as mulheres atuantes comentaram que atualmente o coletivo é formado por oito agentes, sendo três artistas (Guillermina Bustos, Lícida Vidal, Letícia Ranzani), duas curadoras (Thaís Rivitti e Khadgy Fares), uma das gestoras do Ateliê397, Tania Rivitti (junto com Thaís) e duas pesquisadoras (Bruna Fernanda e Ane Valls). Todas as mulheres mencionadas colaboraram com as informações utilizadas neste capítulo metodológico.

O Vozes Agudas salienta que o número de mulheres atuantes no grupo oscila bastante, sendo alguns pontos relevantes para esta condição, como disponibilidade de horários e outros trabalhos das participantes. A agenda profissional e pessoal, em meio ao atual momento de precarização e imensa demanda de trabalho - que sobrecarrega especialmente as mulheres, culmina nessas condições. O trabalho no coletivo não é remunerado, o que dificulta as possibilidades de algumas ações e gera o afastamento de algumas participantes, que precisam dedicar mais tempo na composição da sua renda pessoal. Segundo as pesquisadoras, é importante mencionar que cada presença que passou pelo Vozes foi fundamental, pois a capacidade de agência do coletivo decorre de cada uma dessas contribuições. Para as participantes, essas pesquisadoras que passaram pelo coletivo realizaram múltiplas ações no meio, ajudando a realizar ações de discussão e divulgação dos trabalhos de mulheres, além de pensar a especificidade da condição feminina no meio artístico. “A atuação das integrantes em várias frentes de trabalho é a procura de uma horizontalidade na divisão de tarefas, seria uma atuação feminista na “práxis”. (ENTREVISTA VOZES AGUDAS, 2022)

Formado exclusivamente por mulheres atuantes no sistema de arte e comprometidas em discutir a atuação de agentes femininas no meio artístico, o Vozes Agudas segue investigando questões como inclusão e representatividade das mulheres nesse setor, pautando-se em ações práticas, que vão além do espaço de grupo de estudos, como intervenções artísticas e materiais que auxiliam nos espaços ocupados pelas artistas mulheres.

O posicionamento do lugar de fala tem uma grande importância na luta contra hegemônica de emancipação social e de compartilhamento de conhecimentos e saberes outros. [...] a análise desse Eixo Temático pontuando a percepção sobre o fato das mulheres ativistas que confrontam o patriarcado colonial estarem na luta pelo direito de serem ouvidas e de transformarem a realidade social num campo mais justo a partir do conhecimento legítimo e histórico vivenciado pelos grupos ditos subalternizados e marginalizados. (REIS E SILVA, p. 67)

A missão do coletivo é de emancipação das vozes femininas. Para tal, algumas ações são traçadas a fim de traçar esses objetivos. O Vozes Agudas é relativamente recente como coletivo latino-americano, sendo que uma das primeiras ações públicas ocorreu no ano de 2018, no espaço do Ateliê397. Consistiram em encontros que debateram a atuação de mulheres no meio artístico, contando para tal com a presença de algumas mulheres relevantes nesse circuito, como Cristiana Tejo, Daniela Kern e a curadora Isabella Rjeille. Embora o tempo de atuação seja recente, isso não implica na falta de conexões estabelecidas ou no peso das ações realizadas. De 2018 para cá, o grupo se mostrou como um importante veículo para difundir ações realizadas por mulheres no campo da arte. As ações do Vozes estão pautadas, antes de tudo, na vontade das participantes, sejam artistas, curadoras ou as mulheres entrevistadas, em promover esta representatividade tão reivindicada pelas mulheres no campo das artes.

Em 2019, ocorreu a primeira exposição coletiva que contemplou mulheres artistas. Através da produção de um podcast, diversas personalidades atuantes no circuito de artes foram entrevistadas. As pesquisadoras afirmam que a ideia do podcast parte da ânsia de montarem um registro, que reúna trabalhos desenvolvidos por mulheres artistas e atue como um espaço de visibilidade para estes trabalhos, uma vez que esta condição ainda se encontra precária, como fora abordado nos capítulos anteriores deste artigo.

O acervo criado gerou movimentos de visibilidade. Ao ofertarem o Prêmio Vozes Agudas para Mulheres Artistas, o coletivo reuniu um total de 832 inscrições. Este volume de trabalhos ajudou a mensurar a quantidade de mulheres artistas ativas fora do circuito de arte paulistano mais favorecido ou estabelecido dentro do sistema de artes. De acordo com as agentes do Vozes, alguns critérios foram utilizados para a seleção dos trabalhos, seguindo a representatividade, como o estado em que a artista vive e trabalha e questões como raça e gênero. Dentro dessa interseccionalidade, é possível desenvolver um cenário diverso e menos hegemônico, pautas abordadas no decorrer da pesquisa. De acordo com Curiel:

Sem utilizar o conceito de “colonialidade”, as feministas racializadas, afrodescendentes e indígenas, têm se aprofundado desde os anos sessenta no entramado de poder patriarcal e racista, considerando a imbricação de diversos sistemas de dominação (racismo, sexismo, heteronormatividade, classismo) desde onde têm definido seus projetos políticos, tudo feito a partir de uma crítica pós-colonial. Muito pouco se conhece dessas vozes, pois apesar do esforço de certos setores no âmbito acadêmico e político para tratar de abrir brechas ao que se denomina “subalternidade”, a mesma se faz a partir de posições também elitistas e, sobretudo, de visões masculinas e androcêntricas (Ochy Curiel, 2019. p. 233).

O levantamento de debates feministas interseccionais possibilita a visibilidade de mulheres e um fortalecimento da luta que rompe alguns sistemas de dominação, que agem como uma somatória. Ações de coletivos que levam em consideração essa imbricação de temas levantados pelas feministas desde a década de 1960 auxiliam para uma perspectiva mais abrangente, fomentando o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação de identidades, na quarta onda dos movimentos feministas no qual estamos inseridos. A ação relatada abaixo (Fig. 3) mostra a intervenção de mulheres latino americanas participantes do Prêmio Vozes Agudas para mulheres artistas, edição de 2021. A intervenção ocorreu durante a mostra de performance, na rua em frente ao Ateliê 397.



Figura 3. Intervenção no prêmio Vozes Agudas.. Fonte: Acervo cedido pelo coletivo.

A questão da pandemia da Covid19, que se iniciou no ano de 2020, causou uma piora no apagamento das mulheres nos espaços de trabalho, que se viram novamente tomadas pelas urgências e trabalho obrigatório dentro do espaço doméstico, único partilhado nos períodos de

confinamento.⁶ Isso acarretou, segundo pesquisas desenvolvidas pelo Vozes Agudas, em uma queda na produção por exemplo de artigos acadêmicos por mulheres.

A maior preocupação do coletivo no momento de pandemia foi com a produção e difusão de trabalhos de artistas mulheres, vinculando-os com a manutenção destas carreiras, situação que já apresenta um histórico frágil. O intuito de criar a ação do Prêmio Vozes Agudas surge em meio a este cenário pandêmico. O Prêmio teve abrangência nacional, o que implicou em uma grande ação, que precisou de muito trabalho e apoiadoras envolvidas no coletivo. Além das premiadas, duas exposições e uma mostra de performance, além de uma residência artística, ciclos de debates online e a venda de trabalhos nestas exposições, uma vez que duas estavam inseridas no contexto de galerias de arte.

Essa ação gerou a inserção de mulheres no mercado de arte, visibilidade e representatividade, oportunidades de trabalho e uma possibilidade para mulheres que foram diretamente afetadas com a pandemia. O coletivo mencionou também que através desta ação, foi possível criar um portfólio de artistas que se identificam como mulheres e utilizar as produções e temáticas mais relevantes no decorrer do ano de 2021, inseridos em sua agenda. (Fig. 4)

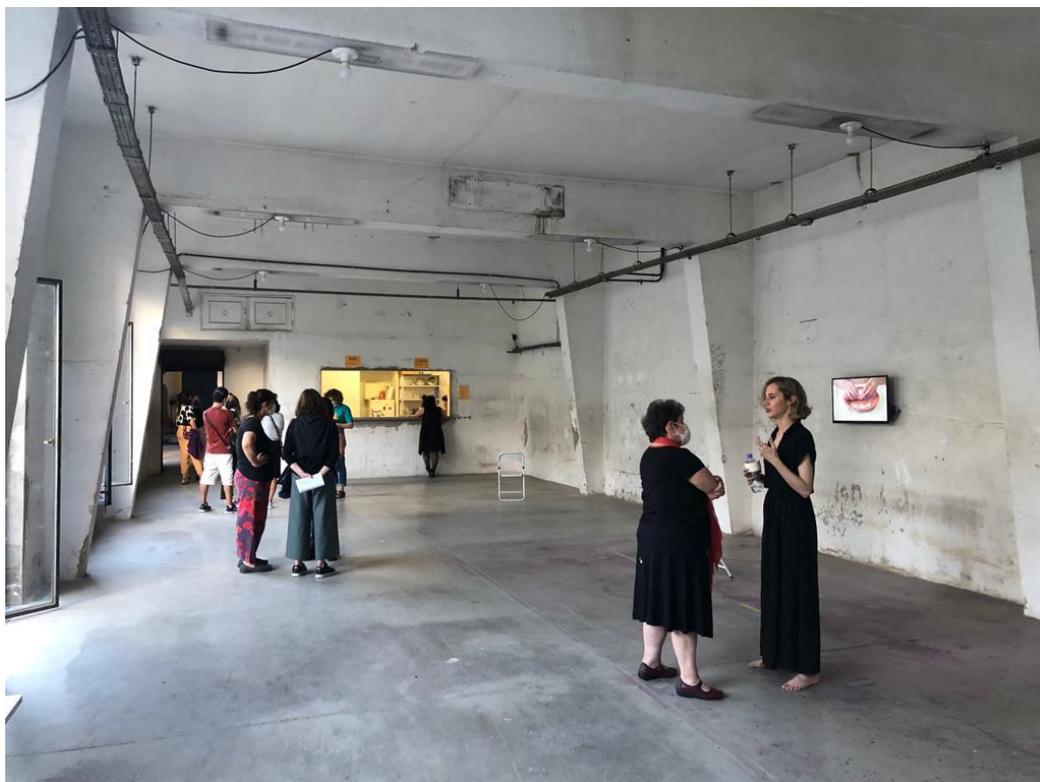


Figura 4. Exposição Vozes Agudas. Fonte: Acervo cedido pelo coletivo.

⁶ Mencionado pelas pesquisadoras do coletivo durante a entrevista.

Ao questionadas sobre as relações do coletivo com outros coletivos de mulheres dentro do sistema de arte, algumas pesquisadoras tiveram dificuldade em delimitar como essas relações são postas, porém, algumas das integrantes já participaram ou participam de outros coletivos, simultaneamente, porém, ainda não há parcerias efetivas estabelecidas, embora haja essa troca de tempos em tempos com outros coletivos de mulheres latino-americanas, dentro e fora do Brasil. Para as entrevistadas, a prática de guerrilha apresenta-se como principal eixo que norteia as ações. “A prática de guerrilha implica em uma conexão dessas redes para que, o que podemos chamar de resultados apareçam”. (RANZINI, 2022) – trecho mencionado na entrevista.

As ações que o Vozes Agudas vem possibilitando auxiliam diretamente na representatividade e lugares de voz de mulheres artistas, dentro do sistema de arte. As ações efetivas de um coletivo de mulheres geram impacto diretamente na reestruturação deste panorama artístico, que se mostra excludente em relação às mulheres, como fora abordado no artigo; assim como se estruturou secularmente seguindo as estruturas patriarcais. A abordagem de um feminismo decolonial e a ênfase destas teorias nas ações possibilitam o coletivo a ser uma ferramenta contra hegemônica que combata de fato estas estruturas, utilizando um respaldo mais abrangente e coeso com a realidade das mulheres na América Latina.

Considerações finais

As teorias do feminismo decolonial colaboram com a representatividade das mulheres no sistema de arte, bem como a mobilização de coletivos feministas que se articulam por meio de ações estruturadas, realizando assim estratégias de enfrentamento contra hegemônico. As minorias, como é o caso da questão das mulheres que atuam nesses agrupamentos lutam e colaboram pela redução do poder hegemônico e a configuração eurocêntrica e patriarcal como narrativa totalizante, dentro do cenário de produção cultural, que acaba por ser excludente e invisibilizar a participação de mulheres.

O feminismo civilizatório europeu, tido como viés tradicional, é relativamente limitante, tendo em vista que suas contribuições foram suficientes até certo ponto, mas não é abrangente o suficiente para todas as realidades, como é o caso das mulheres latino-americanas. O feminismo em sua proposta decolonial retoma o pensamento de diversidade identitária, levando em consideração pautas como etnias, classe e sexualidade.

Esses levantamentos tornam o feminismo em sua proposta decolonial mais inclinado com as realidades do Sul global.

Curiel postulou que os pensamentos que surgem das práticas políticas coletivas são fontes de interpretação-chave para o feminismo decolonial, pelo fato de que mulheres têm participações efetivas, relacionando-se com um feminismo crítico e contra hegemônico. Os coletivos se apresentam como estruturas plurais, não hierárquicas e de transformação social, no qual diálogos e debates pautados na luta pela equidade de direitos é fomentada e o espaço para criações de cunho libertário no campo artístico atuam como redes de acolhimento, onde mulheres são ouvidas e auxiliadas dentro do cenário cultural.

O coletivo Vozes Agudas contribui sendo um agrupamento político, atuando como um coletivo que se ampara nas teorias do feminismo crítico e abrangente, enviesado com os objetivos do feminismo decolonial para, através das suas ações, emancipar as mulheres, dando voz à suas criações e sendo uma importante ferramenta para o fortalecimento das mulheres dentro do campo artístico.

A articulação dos estudos decoloniais promove uma reinterpretação da estruturação patriarcal, promovendo possibilidades de reestruturação desse sistema. Levantar um debate contra hegemônico se torna necessário uma vez que as mulheres se mantêm como grupo subalterno, embora tenham participações efetivas no cenário cultural e promovam contribuições substanciais como agentes dentro deste sistema. As teorias do feminismo decolonial mostram-se como uma das opções teóricas para esta reformulação no sistema de arte, tendo em vista uma base de informações que se posicionam contra o modelo hegemônico vigente.

Referências bibliográficas

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, no11. Brasília, maio - agosto de 2013.

BALLESTRIN, Luciana. **Feminismos Subalternos**. Revista Estudos Feministas, v. 25, n. 3, p. 1035-1054, 2017a.

CURIEL, Ochy. **Hacia la construcción de un feminismo descolonizado**. In: MIÑOSO, Yuderlys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa (Eds.). **Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala**. Popayán: Universidad del Cauca, 2014.

FISCHER, Stela. **Mulheres, performance e ativismo feministas decoloniais**. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, v. 11, p. 1-10, 2017.

GABARDO, Maristella et al. **Ni una menos: ciência das redes e análise de um coletivo feminista**. Humanidades & inovação, 2018.

REIS, Kenia Adriana. **"Agência política das mulheres para confrontar o patriarcado colonial: os coletivos feministas como um espaço de emancipação do conhecimento."** (2020).

GORJON, Melinda Garcia. **OS VENTOS DO NORTE NÃO MOVEM MOINHOS: arte contemporânea e feminismos descoloniais/decoloniais.** (2018). Disponível em: https://www.academia.edu/39223969/OS_VENTOS_DO_NORTE_N%C3%83O_MOVEM_MOINHOS_arte_contempor%C3%A2nea_e_feminismos_descoloniais_decoloniais Acesso em: 18/09/2021

HALPERIN, Julia; BURNS, Charlotte. **Female artists represent just 2 percent of the market.** Here's why—and how that can change. Artnet News, v. 19, 2019.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

LOPONTE, Luciana. **Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ZDsRh9p5xg7bZbCTGC6fS6c/abstract/?lang=pt> Acesso em: 12/10/2021.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial.** Revista Estudos Feministas, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

LUGONES, María. JIMÉNEZ-LUCENA, Isabel. TLOSTANOVA, Madina. MIGNOLO, Walter. **Género y Descolonialidad.** DP Argentina S.A, 2021.

Museu de Arte de São Paulo. **Arte e Descolonização: MASP Afterall.** Disponível em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao> Acesso em: 29/09/2021.

MAYAYO, Patrícia. **En busca de la mujer artista.** Madrid, Cátedra, 2003.

MATOS, M. I. S. de. **Da Invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas.** Margem, São Paulo, n. 15, p. 237-252, jun. 2002.

MIGNOLO, Valter D. **Desobediência Epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política.** Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf Acesso em: 18/09/2021.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: EDUFMG, 2003.

MIÑOSO, Yuderkys. **Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação constitutiva da modernidade ocidental.** Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-Giqs0qaSQ1sxGgwydI1C.pdf> Acesso em: 18/09/2021.

MINOSO, Yuderkys. **Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional.** Revista Venezolana de estudios de la mujer - julio/diciembre 2009. VOL. 14. N° 33 - pp. 37-54

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo. 2016.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, 360p.

SILVA, Thiago Henrique Costa; DE ATAÍDES, Maria Clara Capel. **A CRIMINALIZAÇÃO E A MARGINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: O CASO DO COLETIVO FEMINISTA PAGU.** Revista Direitos Humanos e Democracia, v. 7, n. 13, p. 181-196, 2019.

SOUZA, Katarine Lapuente; DA SILVA, Márcia Alves. **EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E FEMINISMO: AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM COLETIVOS FEMINISTAS.**

TLOSTANOVA, Madina. **Global coloniality and the decolonial option**. Disponível em: https://www.academia.edu/2052408/Madina_Tlostanova_Walter_Mignolo Acesso em: 25/09/2021.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo, Ubu Editora, 2020.

Anexo - Entrevista coletivo Vozes Agudas

1 - Comente um pouco sobre a história do Vozes Agudas e o histórico do coletivo.

O coletivo começa como um grupo de pesquisa e aprofundamento vinculado ao espaço independente paulista Ateliê397. Formado exclusivamente por mulheres atuantes no campo das artes e interessadas em discutir a atuação de agentes femininas no meio, investigando questões como inclusão e visibilidade de agentes mulheres, por exemplo. Hoje o grupo de estudo tem uma presença mais prática, além de um espaço de estudo, o coletivo atua com intervenções artísticas e produzindo materiais como o podcast, em práticas de promoção efetiva e emancipação dessas vozes femininas.

2 - Fale sobre a formação das integrantes e sua relação; se o quadro de artistas do coletivo varia bastante ou se mantém o mesmo.

Temos e tivemos como participantes do grupo artistas, curadoras, pesquisadoras, gestoras, professoras, produtoras, entre tantas outras figuras de múltiplas atuações no meio, que nos ajudaram a realizar atividades de discussão e de divulgação dos trabalhos de mulheres, além de pensar a especificidade da condição feminina no meio artístico. Hoje o Vozes é formado por 3 artistas (Guillermina Bustos, Lícida Vidal, Leticia Ranzani), 2 curadoras (Thaís Rivitti e Khadgy Fares), uma das gestoras do Ateliê397, Tania Rivitti (junto com Thaís) e duas pesquisadoras (Bruna Fernanda e Ane Valls). Como foi falado agora, cada integrante está vinculada a sua profissão, porém essas categorias dentro do coletivo não são tão recortadas assim: essas funções permeiam constantemente na atuação dentro do coletivo. A atuação das integrantes em várias frentes de trabalho é a procura de uma horizontalidade na divisão de tarefas, uma atuação feminista na práxis.

Atualmente somos em oito mas na nossa história vemos que esse número é bem flutuante, é importante salientar como cada presença passada pelo Vozes nunca deixa de ser

fundamental, a capacidade de agência do coletivo decorre de cada contribuição ainda que a parte que contribui tenha tido algum motivo para se desligar. As ações do coletivo Vozes Agudas dependem muito da disponibilidade, trabalhos, horários de cada participante. Uma conciliação de agendas profissionais e pessoais em um mundo cada vez mais precarizado e com imensa demanda de tempo que infelizmente, ainda, sobrecarrega sobretudo pessoas que se identificam como mulheres.

O trabalho no Vozes não é remunerado, o que dificulta um pouco muitas das ações que gostaríamos de fazer e termina muitas vezes levando ao afastamento de algumas participantes que precisam dedicar tempo ainda maior na composição da sua renda pessoal.

Como, Leticia, costuma, trabalhamos na guerrilha, fazendo como é possível e sempre tentando.

3 - O coletivo é atuante no circuito de artes paulistano. Como suas ações auxiliam a representatividade das mulheres no meio artístico?

Uma das primeiras ações públicas do coletivo aconteceu em 2018, no Ateliê397 foram encontros que discutiram a atuação de mulheres no meio artístico, recebendo como palestrantes figuras como Cristiana Tejo, Daniela Kern e Isabella Rjeille, por exemplo. Depois disso, realizamos uma exposição coletiva de mulheres artistas em 2019. Fazemos a produção de um podcast em que entrevistamos diversas personalidades atuantes nas artes, como arquitetas, artistas, produtoras, gestoras. A ideia do podcast surge com uma vontade de criar um acervo, um registro sobre as mulheres atuantes no circuito artístico na tentativa de ampliar esse espaço de visibilidade ainda tão precário quando falamos de agentes que se identificam como mulheres. Veja mais e ouça o podcast em: <https://ateli397.com/podcast-vozes-agudas>

Em 2020, com a pandemia, houve um escancaramento do apagamento das mulheres nos espaços de trabalho, novamente tomadas pelas urgências do espaço doméstico, o único partilhado nos períodos de confinamento. A queda de produção de artigos acadêmicos por mulheres, por exemplo, conseguiu ser mensurada, virou estatística. A preocupação do coletivo com a produção das mulheres artistas e a manutenção das suas carreiras, já classicamente frágil ao longo da história, despertou uma grande preocupação nas integrantes do coletivo e a urgência de ação. Foi assim que lançamos o Prêmio Vozes Agudas para Mulheres Artistas, de abrangência nacional, que implicou em muito trabalho nosso e de

muitas mulheres apoiadoras envolvidas. Esse trabalho todo promoveu uma série de ações que condizem com a vontade do coletivo. Além das premiadas conseguimos promover duas exposições e uma mostra de performance, com um perfil bem diverso de artistas participantes, uma residência artística em Pernambuco, ciclos de debates online, e ainda a venda de trabalhos nessas exposições, já que duas aconteceram em galerias, o que também contribuiu com a inserção de trabalhos de artistas nesse mercado tão complicado. De alguma maneira, dentro das nossas possibilidades, conseguimos com essas inscrições criar um banco de portfólios de artistas que se identificam como mulheres e procuramos trazer essas artistas, suas produções e temáticas mais relevantes, ao longo da nossa agenda de 2021.

4 - Quais trabalhos e ações do coletivo podem ser mencionados como os mais relevantes no que tange a questão da representatividade de mulheres?

Acho que até o momento foram os desdobramentos do prêmio, como respondemos na questão acima. O banco de dados que se criou com os portfólios que recebemos permitiu que criássemos movimentos de visibilidade. No total foram 832 inscrições, foi muito importante receber esse volume de trabalhos e poder voltar os olhos para a produção de tantas artistas bastante fora dos circuitos favorecidos e já estabelecidos no meio das Artes. Em todas as nossas ações, desde as juradas assim como as curadorias, procuramos seguir nossos critérios de representatividade: levar em consideração o estado em que a artista vive e trabalha, como ela se declara quanto a cor e gênero e construir dentro dessas interseccionalidades um cenário diverso e menos hegemônico do que temos atualmente.

5 - Qual a relação do coletivo Vozes Agudas com outros coletivos dentro do sistema de artes?

“Não saberia te responder isso direito” (Letícia), mas algumas das integrantes participam de outros coletivos também. Acho importante pensar que o próprio Ateliê397 é um espaço independente de Arte que atua em uma gestão coletiva, e que muitas ações acontecem sob esse “teto”, entre aspas agora mais do que nunca, com a virtualidade dos encontros. Nós não estabelecemos parcerias de fato no momento, mas temos contato com outros coletivos de

mulheres fora de São Paulo e mesmo fora do Brasil. No podcast nós conversamos com algumas pessoas que pensam e falam sobre esse modo de trabalhar coletivo. A Bruna Kury e a Mariela Scafatti são duas das entrevistadas que falam muito sobre isso. A prática de guerrilha, como coloca Letícia Ranzani em umas das respostas acima, implica em uma conexão dessas redes para que, o que podemos chamar de resultados, apareçam. As ações do Vozes contam, antes de tudo, com a vontade das participantes - artistas, entrevistadas, curadoras - de promover a já a muito tempo reivindicada, representatividade de mulheres no campo das artes, “é na luta que a gente se encontra”, então esses elos se desenham constantemente.